

Pegando carona no futuro (GILBERTO DIMENSTEIN)

ENGENHEIRO FORMADO pela Poli (USP) e especializado em transportes, Marcio Nigro anuncia nesta semana uma experiência para gerar dinheiro e, ao mesmo tempo, deixar as cidades menos congestionadas e poluídas. Objetivo: transformar cada dono de automóvel num pequeno empresário, capaz de assegurar uma renda extra mensalmente. "Estou experimentando um jeito de estimular as pessoas a colaborar em questões ambientais e ainda colocar dinheiro no bolso", afirma.

Há algum tempo, ele montou um projeto, chamado Caronetas, de estímulo ao compartilhamento de automóveis entre funcionários das empresas; na cidade de São Paulo, já há 700 empresas cadastradas. Desenvolveu, então, um sistema, patenteado na Suíça, de milhagens para quem compartilha seu veículo, oferecendo pontos para a aquisição de produtos (de passagem de avião a gasolina, passando por comida).

Quem vai de carona deposita um valor no sistema de milhagens. Pela tela do computador, são conhecidos os trajetos dos motoristas. É possível ver a lista, por exemplo, das pessoas que vão ao aeroporto em determinado horário. Pega? Na resposta a essa pergunta, está o futuro das cidades e do nosso modo de viver nelas, pondo em discussão decisões, como a realizada na semana passada pelo governo brasileiro, de estimular a produção de automóveis.

O engenheiro espera anunciar sua experiência na próxima quinta-feira, dia 22, durante um seminário sobre mobilidade urbana, quando se comemora o Dia Mundial sem Carro, um dia que, em São Paulo, é comemorado de muitos modos, menos com a diminuição do número de carros nas ruas. Há, porém, um sério risco de o projeto derrapar na primeira esquina, em colisão com a cultura individualista ou com a insegurança dos motoristas, que temem dar carona a desconhecidos, mesmo com o incômodo da superlotação do metrô. A tendência mundial, sem dúvida, é a limitação cada vez maior do espaço do automóvel. Indivíduos como Márcio estão aprendendo a ganhar dinheiro com isso. Em alguns casos, muito dinheiro.

Na semana passada, uma empresa ganhou o direito de implantar 600 estações de compartilhamento de bicicletas. É uma tendência que já se espalhou por 300 cidades do mundo, inclusive em países como a China, a Índia ou o México. O apelo da ideia é, em poucas palavras, combinar a consciência ambiental -um problema coletivo - com o interesse individual, ou seja, ganhar dinheiro.

Diversas prefeituras americanas perceberam que economizariam dinheiro - além de combater o congestionamento - reduzindo sua frota. Preferem entrar no sistema de compartilhamento de carros, alugando-os por hora. Foi o que fizeram, por exemplo, prefeituras grandes como a de Nova York, a de Chicago e a de Washington.

Empresas que alugam carros por hora, espalhando-os por vários pontos, estão enriquecendo porque perceberam que uma parcela razoável dos consumidores prefere não ter automóvel, pois só precisa dele algumas horas por semana. A tendência está prosperando tanto que fabricantes de automóveis como a BMW estão experimentando não vender, mas apenas alugar seus modelos. Um laboratório do MIT produz um modelo de carro público ideal para pequenas distâncias, que ocupa o mínimo espaço possível (o carro encolhe quando estacionado) e que será usado no mesmo sistema do compartilhamento de bicicletas.

Justamente aí progrediu também o compartilhamento de automóveis entre vizinhos, com sites promovendo a intermediação e, para diminuir a insegurança, oferecendo seguro. Novas tecnologias de informação facilitaram o sistema de localização e pagamento. Estão pipocando depoimentos de pessoas felizes com a descoberta de que podem ganhar uma renda extra ao se transformarem em locadores. Até garagens privadas estão sendo compartilhadas. Estão em discussão não apenas o carro e as cidades mas como será o consumo no futuro. Compartilhar será tão importante como ter.

PS- Na lógica do consumo colaborativo, a Amazon quer montar um sistema de aluguel como o que o Netflix desenvolveu para filmes. Coloquei uma lista de experiências sobre compartilhamento dos mais variados tipos de produto no www.catracalivre.com.br. Coloquei também detalhes do carro público desenvolvido no laboratório do MIT.

Folha de São Paulo, setembro de 2011.

Protocolos do afeto (LUIZ FELIPE PONDÉ)

FAMÍLIAS PODEM ser máquinas de moer gente. Uma das marcas de nossa fragilidade é depender monstruosamente de laços tão determinantes e ao mesmo tempo tão acidentais. O acaso de um orgasmo nos une. Em meio a jantares e almoços intermináveis, o horror escorre invisível por entre os corpos à mesa. Talvez muitos pais

não amem seus filhos e vice-versa. Quem sabe, parte do trabalho da civilização seja esconder esses demônios da dúvida sob o manto de protocolos cotidianos de afeto.

Até o darwinismo, uma teoria ácida para muitos, estaria disposta a abençoar esses protocolos com a sacralidade da necessidade da seleção natural. Mesmo ateus, que costumeiramente se acham mais inteligentes e corajosos, tombam diante de tamanho gosto de enxofre. Pergunto-me se grande parte do sofrimento psíquico e moral de muita gente não advém justamente da demanda desses protocolos de afeto. Da obrigação de amar aqueles que vivem com você quando a experiência desse mesmo convívio nos remete a desconfiança, indiferença, abusos, mentiras e mesmo ódio.

A horrorosa verdade seria que existem pessoas que não merecem amor? Pelo menos não de você. Mas você é obrigado a amar irmãos, filhos, pais, avós, e similares. E, se não os amar, você adocece. Um sentimento vago de desencontro consigo pode ocorrer se um dia você se perguntar, afinal, por que deve amar alguém que por acaso calhou de ter o mesmo sangue que você? Alguém que é fruto de um ato sexual entre o mesmo homem e a mesma mulher que o geraram em outro ato sexual.

Quem sabe a força do "mesmo sangue" seja uma dessas coisas que a experiência moderna esmagou, assim como a crença, para muita gente já vazia, no sobrenatural, na providência divina ou no amor romântico. Sim, o niilismo teria aí uma de suas últimas fronteiras? É comum remeter esse vazio da perda dos vínculos de afeto ao mundo contemporâneo da mercadoria. Apesar de ser verdade que os laços humanos se desfazem sob o peso do mundo do capital, parece-me uma ingenuidade supor que o mal da irrealdade dos afetos seja "culpa" do capital.

É fato que a modernidade destrói tudo em nome da liberdade do dinheiro, mas é fato também que não criou a espécie em sua miséria essencial. A melancolia tem sido a verdade do mundo muito antes da invenção do dólar. Por que devo amar alguém apenas porque essa pessoa me carregou em sua barriga por nove meses? Ou porque penetrou, num momento de prazer sexual, a mulher que iria me carregar em sua barriga por nove meses?

Por alguma razão, questões como essas parecem mais sagradas do que Deus, o bem e o mal, ou a vida após a morte. Como se elas devessem ser objetos de maior fé do que as religiosas. Ou porque elas garantem a convivência miúda e tão necessária para a estabilização da sociedade. Só monstros colocariam em dúvida tal sacralidade.

Mas quantas horas nós passamos vasculhando nossas almas em busca de afetos que, muitas vezes, podem ser o contrário do que deveríamos sentir? Ou não achamos nada além da indiferença? Às vezes, a pergunta pelo amor pode ser apenas um protocolo contra o desespero. Estamos preparados para pôr em dúvida a normalidade sexual no caso de mulheres que gostam de fazer sexo com cachorros, mas não estamos preparados para suspeitar que grande parte de nosso amor familiar não passe de protocolo social. Rapidamente, suspeitaríamos que estamos diante de pessoas doentes e sem vínculos afetivos.

Por que, afinal, mulheres homossexuais correm em busca de "misturar" óvulos de uma com a barriga da outra, como se, assim, mimetizassem o coito reprodutivo heterossexual? Será que é amor por uma criança que ainda nem existe ou apenas um desejo secreto de ser "normal"? Ter filhos é prova desse amor ou apenas um impulso cego que se despedaça a medida que os anos passam?

Um dos nossos maiores inimigos somos nós mesmos, mais jovens, quando tomamos decisões que somos obrigados a manter no futuro. Com o tempo, algo que nos parecia óbvio se dissolve na violência banal de um dia após o outro. Como que diante de um espelho de bruxa.

ponde.folha@uol.com.br – Folha de São Paulo, setembro de 2011.

Ninguém está imune ao racismo (NAVI PILLAY)

NA CIDADE AMERICANA de Jackson, em junho, adolescentes brancos espancaram, atropelaram e mataram um negro de 49 anos. A razão para tamanha brutalidade? De acordo com os promotores, o grupo estava em missão para "encontrar e ferir uma pessoa negra". Câmeras registraram o incidente assustador. Esse é apenas um dos muitos casos de violência racista cometidos diariamente. Apesar de décadas de luta, dos esforços de diversos grupos e nações e da evidência do terrível custo do racismo, ele persiste. Nenhuma sociedade está imune.

Nesta quinta-feira, líderes mundiais terão a oportunidade de estimular o combate ao racismo ao comemorar o décimo aniversário da adoção da Declaração e Programa de Ação de Durban (DDPA), aprovada por consenso na Conferência Mundial Contra o Racismo, em 2001. Os Estados-membros concordaram em combater a xenofobia, a discriminação contra imigrantes, povos indígenas, ciganos e afrodescendentes, além daquela baseada na ascendência.

Em 2009, os países reavaliaram o caminho estabelecido pela DDPA, revigoraram e expandiram suas promessas em um documento que fortalecia a agenda antirracismo e reafirmaram a necessidade de situar a discussão dentro do contexto da lei internacional dos direitos humanos. Em muitos países, o quadro e o processo estabelecidos pela DDPA têm sido fundamentais para a melhoria das condições de muitos grupos vulneráveis. Mas a implementação dos compromissos ainda é irregular e insatisfatória.

Hoje, vemos a intolerância emergindo em novas formas, como o tráfico humano. Refugiados, solicitantes de

asilos, trabalhadores migrantes e imigrantes sem documento são cada vez mais estigmatizados, quando não criminalizados. A xenofobia está em ascensão. Em sua pior faceta, a manipulação da diversidade tem alimentado conflitos armados, bem como o surgimento de enfrentamentos comunais violentos. Na condição de ex-juíza e presidente do Tribunal Penal Internacional para Ruanda, vi como comunidades podem ser aniquiladas pelo ódio. Mas também me deparei com magníficos atos de bravura.

Um episódio está profundamente gravado em minha memória. Ele ocorreu no noroeste de Ruanda, quando hutus atacaram uma escola e ordenaram aos alunos que se separassem em grupos de etnia hutu e tutsi. Os estudantes se recusaram a identificar sua etnia para não trair seus colegas. Dezessete meninas foram mortas como resultado de sua corajosa atitude. Como podemos ser dignos dessas crianças? Acredito que precisamos trabalhar juntos para alcançar um ambiente de respeito e promoção da igualdade, da justiça e da não discriminação.

Esses imperativos estavam em minha mente quando fui a Yad Vashem durante minha passagem por Israel, em fevereiro. Essa visita ofereceu um lembrete poderoso de que o ódio racial, os crimes contra a humanidade e o genocídio nunca devem ser tolerados, e que o Holocausto nunca deve ser esquecido. A DDPA contém tal apelo. Ela exorta ao uso da memória do Holocausto como força transformadora e a colocar seu legado a serviço de um futuro livre do racismo.

Um mês depois, visitei a ilha Goree, no Senegal. Trata-se da infame "porta sem retorno" pela qual inúmeros africanos foram enviados acorrentados às Américas. A ONU dedica o presente ano à população afrodescendente, mas nunca poderemos fazer plena justiça aos milhões de vítimas do preconceito e da intolerância - e a seus descendentes, que ainda enfrentam o legado da discriminação. O que podemos é assegurar que seu sofrimento seja um apelo para enfrentar o sofrimento dos outros, hoje e no futuro.

NAVI PILLAY é alta comissária das Nações Unidas para os direitos humanos – **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

Justiça eficiente pede remuneração e segurança (GABRIEL WEDY)

OS MAGISTRADOS e representantes do Ministério Público brasileiro estarão reunidos nesta quarta-feira, em Brasília, para a realização do Dia Nacional de Mobilização pela Valorização da Magistratura e do Ministério Público. O ato será realizado no Congresso Nacional, com posterior marcha até o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. Haverá, também, concentração e ato de protesto na praça dos Três Poderes.

A pauta de reivindicações é bem definida: segurança para juízes e promotores; política remuneratória clara; estrutura de trabalho; saúde e previdência. Esse movimento de indignação democrática visa a sensibilizar os poderes Executivo e Legislativo, que estão de costas para tal agenda. Pretende-se também alertar o STF e a Procuradoria-Geral da República sobre a gravidade do cenário atual, que aponta para um total desrespeito aos direitos e prerrogativas da magistratura e do Ministério Público.

Magistrados e promotores foram mortos (e centenas ameaçados) nos últimos anos em nosso país em virtude do mero exercício de seu dever de combate ao crime organizado, ao narcotráfico, a grupos de extermínio e à corrupção. Nada foi feito a respeito, além de belos e comovidos discursos pelas cúpulas dos três Poderes. O risco de completo sucateamento do Poder Judiciário e do Ministério Público brasileiros é notório e concreto.

A repercussão dessa realidade é tão negativa que a ONU emitiu recomendação para que o país cuide melhor da segurança da magistratura, após o assassinato ainda impune da juíza carioca Patrícia Acioli, no Estado do Rio de Janeiro. Outro ponto a ser considerado é a completa ausência de uma política remuneratória para as categorias. O dispositivo constitucional que prevê a reposição inflacionária anual do teto moralizador vem sendo descumprido ano após ano. A Associação dos Juizes Federais do Brasil moveu ações judiciais contra essa inconstitucionalidade no STF para permitir que o próprio Judiciário reajuste o teto em virtude da omissão do poder Legislativo na sua obrigação de legislar, como manda a Constituição. Mas o STF se mantém silente e inerte.

Os juizes brasileiros estão em pior situação, pois obtiveram há mais de um ano do Conselho Nacional de Justiça o direito de ser equiparados em matéria de direitos ao Ministério Público, mas a decisão até o momento não foi cumprida. Ou seja, o Brasil continua sendo o único país do mundo em que os juizes possuem menos direitos e prerrogativas do que os promotores e os profissionais de carreiras jurídicas do Poder Executivo. Em virtude desse quadro de injustiça, mais de 90% dos magistrados federais do país paralisaram suas atividades em 27 de abril.

A finalidade da mobilização desta quarta-feira é garantir um Judiciário e um Ministério Público fortes e independentes, em benefício da sociedade. É a única saída para instituir uma Justiça mais rápida, acessível e que, no aspecto criminal, seja eficiente no combate à corrupção e à impunidade nacionais. É de instituições democráticas sólidas, eivadas de fortes garantias, que o povo brasileiro precisa para ter à sua disposição uma Justiça de qualidade.

GABRIEL WEDY é presidente da Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe). **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

SEXO & SAÚDE

Jovens, bebida e carro: um roteiro cotidiano (JAIRO BOUER)

Cena 1: Dia do trote. João, 17 (quase 18), acaba de entrar na faculdade e recebe um trote cultural. Na gincana, que vale um livro, acerta ao responder qual é a droga que mais mata no Brasil. Pontua, também, na droga mais consumida pelos jovens. E ainda acerta a droga que produz o maior impacto econômico (custos para a saúde) no país. Veja as respostas no fim do texto!

Cena 2: Depois da aula. João chega em casa, liga a TV e fica sabendo que o ex-jogador de futebol Sócrates voltou a ser internado na UTI. O motivo: um novo sangramento nos vasos do esôfago causado por graves problemas em seu fígado, como a cirrose. Em entrevista recente ele, que também é médico, se declarou ex-dependente de álcool (se é que isso existe!).

Cena 3: Depois do jantar. João abre o jornal e lê sobre uma tragédia: um jovem de 20 anos morreu na madrugada anterior, na marginal Pinheiros, em São Paulo. Ele capotou com um carro potente, que rodava a uma velocidade absurda de 140 km/h (o dobro da permitida naquele trecho). A namorada do rapaz disse que ele havia tomado duas garrafas de vinho antes de assumir o volante.

Cena 4: Dia do aniversário. João completa 18 anos e ganha um carro de seu pai. Vai comemorar com amigos, dirigindo seu presente. Param no bar. Todos os amigos bebem. João sabe que não deve beber e guiar. Mas toma uma lata, duas, três. Ele sabe que deve parar, mas não consegue. O álcool, entre outros efeitos, altera a capacidade de avaliar riscos e aumenta a impulsividade. Não é à toa que, nessas condições, as pessoas brigam mais e se arriscam mais.

Cena 5. No carro. João "apaga" no banco de trás e uma amiga, que não havia bebido, assume o volante e leva o garoto para casa. Por que João, que é universitário, acertou que as três respostas da gincana eram álcool, viu Sócrates voltar para a UTI e leu que o jovem tinha morrido na batida, não parou de beber? Que tal tentar mudar o final deste roteiro?

jbouer@uol.com.br – Folha de São Paulo, setembro de 2011.

Um fato, duas versões (ROSELY SAYÃO)

UMA DAS coisas que considero mais interessantes na vida é observar como um mesmo fato é capaz de provocar interpretações muito diferentes, opostas até. E meu interesse aumenta quando a situação envolve os mais novos. Esse fenômeno acontece por um motivo simples, nem sempre reconhecido: os pontos de vista de cada um que olha são bem diversos. Por exemplo: quando é o pai que coloca seu olhar sobre o filho, ele vê algo que pode ser bem diferente do que capta o olhar da mãe, não é verdade?

Pois hoje temos uma prova interessante a esse respeito: duas mensagens comentando a mesma situação, que envolve crianças entre quatro e seis anos, mas com abordagens bem distintas. Um dos pontos de vista é o de uma mãe e o outro, de uma diretora de escola de educação infantil. Nossa leitora, mãe de um garoto de cinco anos, escreveu para reclamar da escola onde matriculou seu filho. Ela diz que, apesar de ser nova na idade, pratica o que chama de "educação à moda antiga" com o filho. Faz o menino respeitar os mais velhos, o ensina a falar sempre "obrigado" e "por favor", não admite palavrão tampouco teimosia exagerada.

Depois de contar tudo isso, a leitora aliviou um pouco: "Sei que ele é uma criança, só exijo dele o que ele pode fazer", explicou. O problema, segundo essa mãe, é que o garoto tem aprendido a fazer tudo o que ela não quer na escola. Agora, ela enfrenta um filho teimoso, bravo e rápido no palavrão. Nossa leitora acredita que o menino só pode trazer isso da escola, já que, em casa, não tem oportunidade de aprender essas coisas.

Já a diretora da escola reclama da falta de educação das crianças - e responsabiliza os pais por isso. Ela diz que crianças bem pequenas, desde os três anos, se comportam na escola como adolescentes rebeldes: xingam os colegas, brigam com eles pelos motivos mais banais e resistem muito a obedecer os professores. Essa outra leitora tem uma convicção: a de que as crianças assim se comportam porque, em casa, os pais pouco ensinam, por terem pouco tempo para estar com os filhos e, conseqüentemente, não querer desgastar o relacionamento com eles ensinando uma boa convivência, o que, convenhamos, dá muito trabalho.

Quem tem razão nessa história, afinal? São os pais que não educam seus filhos ou é a escola que dá chance para os alunos aprenderem o que não deveriam? Poderíamos dar a razão a qualquer uma das interpretações. Mas, se considerarmos as crianças, podemos problematizar a situação para os dois pontos de vista. De largada, vamos ter de admitir que são prerrogativas das crianças a provocação, a transgressão e também o ato de desafiar.

É só por causa disso que elas falam palavrões, mesmo sem entender o significado do que falam. Mas uma coisa entendem: que fazem algo que provoca o adulto. É também apenas por isso que desobedecem, provocam seus pais e professores e testam mil vezes as imposições e os impedimentos que lhes colocam.

Além disso, precisamos considerar que, no mundo contemporâneo, as crianças não são mais educadas apenas

pela família e pela escola. A cidade educa, a mídia educa, a sociedade educa etc. Pronto: apenas esses dois pontos são suficientes para nos ajudar a entender que, quando uma criança faz algo que não deveria fazer, pode não estar nem na família nem na escola a responsabilidade por esse fato. Mas de uma responsabilidade essas duas instituições não escapam: a de insistir nas boas lições, cada uma à sua maneira.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha) **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

USP e Unicamp em alta nos rankings (MARCO A. ZAGO E JOSÉ R. DRUGOWICH)

NAS ÚLTIMAS SEMANAS, foram divulgados alguns rankings internacionais de universidades: Webometrics, Arwu (Academic Ranking of World Universities), de Xangai, e QS, da Inglaterra. Faltando a divulgação da listagem do Times Higher Education, as classificações das melhores instituições de ensino superior do mundo continuam a provocar reações discordantes, mas podem orientar, se bem compreendidas, uma discussão sobre a evolução e as mudanças de comportamento dos líderes das universidades brasileiras.

A primeira característica dos rankings a ser ressaltada é a existência de um conjunto de indicadores explicitados e medidos de forma quase independente por parte dos organizadores.

Bases de dados como a Web of Science e a Scopus sustentam o trabalho de quantificar a produção científica das instituições e o tornam preciso, com as limitações conhecidas nas áreas de humanidades e artes. Alguns rankings incluem indicadores que não servem para diferenciar instituições localizadas fora dos Estados Unidos e da Europa. Um exemplo é o peso que se atribui, na nota final da classificação de Xangai, à contagem do número de professores (ou de ex-alunos) que receberam o Prêmio Nobel.

Merece atenção a importância atribuída à porcentagem de alunos e professores estrangeiros envolvidos nas atividades de docência e de graduação, situação algo corriqueira em países da Comunidade Europeia, mas incipiente em países como o Brasil. Apesar disso, os resultados estão aí e permitem estabelecer uma comparação entre as instituições brasileiras e suas congêneres mundiais. O fato indiscutível é que, nos resultados conhecidos até o momento, USP e Unicamp ocupam as duas primeiras posições entre as brasileiras, além de terem subido na avaliação comparativa ano a ano com as demais. Os desempenhos são diferentes de acordo com a listagem: a Universidade de São Paulo figura entre as 150 primeiras na de Xangai, é a 43ª colocada segundo os critérios do Webometrics e ocupa a 169ª posição no QS.

Já a Universidade Estadual de Campinas, que aparece entre as primeiras 300 na classificação chinesa, alcança o 158º lugar no levantamento do Webometrics e a 235ª posição na classificação inglesa. O sucesso das duas instituições paulistas é resultante de uma combinação de fatores. USP e Unicamp desfrutam de situação invejável no que refere ao financiamento. Detentoras de percentual do ICMS fixado pelo Estado, além de contarem com apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e de serem contempladas com recursos das agências federais, elas vêm melhorando seu desempenho a cada ano. Constituem hoje bons exemplos para a grande massa de universidades do país.

Para esse avanço contribuem a adoção, pelas três universidades estaduais paulistas (o rol inclui a Unesp, ao lado das supracitadas), de políticas voltadas para a valorização do mérito na progressão docente. As instituições também dedicam atenção permanente à qualidade da graduação e da pós-graduação, ao mesmo tempo em que aplicam recursos próprios em projetos acadêmicos.

Apesar da posição da USP ser melhor do que as de todas as universidades italianas e espanholas, dois centros acadêmicos tradicionais, a representação brasileira nesse grupo de excelência é muito reduzida, quando comparada à de países com comunidade científica e economia de dimensões semelhantes às nossas, como Espanha, França e Itália. Superá-los seria meta realista, mensurável e benéfica.

MARCO A. ZAGO é professor titular de medicina e pró-reitor de pesquisa da USP; foi presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **JOSÉ R. DRUGOWICH** é professor titular de física e assessor da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP; foi diretor do CNPq. **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

Incluir pessoas com deficiência é inevitável (LINAMARA RIZZO BATTISTELLA)

EM 1992, o Rio de Janeiro recebia a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92. O evento deu início à conscientização sobre os riscos que o planeta corria, em decorrência do uso predatório dos recursos naturais. Apresentou ao mundo os conceitos de sustentabilidade e de economia verde.

Mas esse é um olhar em perspectiva. À época, o encontro foi alvo de piadas e chegou a ser visto como último refúgio de antigos hippies. O desencanto com as utopias depois da Guerra Fria impediu muitos de perceberem a revolução que começava a ser desenhada. Uma década antes, a ONU declarara 1981 o Ano Internacional da Pessoa com Deficiência, numa tentativa de chamar atenção para outro tema emergente. Mas as consequências não foram tão intensas quanto as observadas no que tange à área ecológica. Agora, o Banco Mundial e a Organização Mundial da

Saúde injetam novo combustível nesse debate, com a divulgação do Relatório Mundial sobre a Deficiência, que, pela primeira vez em 40 anos, mapeia as condições de vida dessa parcela da população global.

Divulgados em junho, os dados revelam que esse grupo já soma um bilhão de pessoas. Um número que põe em xeque o velho paradigma de que as questões ligadas à inclusão interessariam apenas a uma minoria. Hoje, Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, é o momento para refletirmos sobre a questão no nosso país.

O governo do Estado de São Paulo foi o único representante brasileiro a participar do lançamento do citado relatório, apresentando ações que indicam mudanças positivas. Avançamos ao criar a rede Lucy Montoro, com 19 centros de reabilitação funcionando até o final de 2013, liderando uma teia de serviços capaz de realizar 300 mil atendimentos/ano. Também progredimos ao aplicar o desenho universal em habitações de interesse social e ao ampliar as dimensões dessas unidades para 60 m², visando garantir uma melhor acessibilidade.

Outros investimentos buscam promover mais independência, como a futura instalação de centros de pesquisa em tecnologias assistivas e a formação e distribuição de cães-guia. No evento de lançamento do estudo mundial, o renomado físico inglês Stephen Hawking -que tem uma distrofia muscular progressiva- afirmou que, com trabalhos como aquele, "este século marcará um ponto de inflexão na inclusão das pessoas com deficiência nas vidas de suas sociedades". De fato, assim como as reverberações da Eco-92 mostraram que o debate ambiental não se resumia a salvar baleias, o relatório também pode evidenciar outra "verdade inconveniente": a de que apresentar, em diferentes graus, um tipo de deficiência é próprio da condição humana.

Na esteira dessa verdade, celebramos os avanços no processo civilizatório, refletindo os direitos de todos e o respeito à diferença. A necessidade de oferecer respostas a essa população não pode mais ser ignorada pelos governos. É uma tarefa tão urgente quanto inevitável. Mas temos um bilhão de motivos para seguir em frente.

LINAMARA RIZZO BATTISTELLA, médica fisiatra, professora da FMUSP, é secretária de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

Muita potência no motor (MARCELO COELHO)

NOS EUA, o comum é um sujeito se encher de carabinas e rifles, invadir uma escola, atirar no máximo de pessoas que conseguir e terminar se matando também. Os brasileiros estão inventando um tipo novo de "assassinato social". Consiste em beber bastante, entrar num carro - quanto mais caro e poderoso, melhor - e dizimar quem quer que esteja passando pela calçada. Claro que uma notícia puxa outra. Não que o cretino tenha sido "influenciado" pelo atropelamento que leu no jornal (embora isso possa acontecer também).

Mas acontece de um caso específico atrair a atenção da população e os imediatamente seguintes acabarem entrando com mais destaque no noticiário, por força da coincidência. Foi assim há alguns anos, quando se repetiram as cenas de motoristas bêbados guiando na contramão de rodovias como a Imigrantes ou a Fernão Dias.

Aquela moda, ao que tudo indica, passou. Os casos de Ferraris, BMWs, Land Rovers ou sei lá o quê subindo nas calçadas e matando gente se tornaram, entretanto, mais comuns - pelo menos, em regiões da cidade supostamente mais seguras e policiadas, como Pinheiros e Vila Madalena. São regiões com muito trânsito também, e pelo menos isso poderia inibir o motorista embriagado de pisar tanto no acelerador. Começo a especular um pouco. Talvez os próprios congestionamentos sejam um motivo para esse comportamento assassino.

O feliz proprietário de uma máquina de grande potência, projetada para voar numa autobahn alemã, ou para enfrentar desafios "off-road" no deserto do Colorado, se vê, um belo dia, empacando a cada 15 metros num congestionamento da Rebouças. Sai por uma "via alternativa", como gostam de dizer no rádio, e encara o asfalto péssimo, as valetas, o catador de papel velho que se arrasta com sua carrocinha. O motor, com toda sua potência acumulada, é um tigre enjaulado. Um mínimo de espaço à frente, eis que avança com ímpeto assassino. A solução não está nas faixas de pedestres, é claro. Desconfio até que a iminência de uma fiscalização mais rigorosa a esse respeito motivou inconscientemente alguns motoristas a um comportamento mais desenfreado do que de costume. Pedestres em liquidação. Aproveite enquanto é tempo.

Um dos últimos episódios de criminalidade automotiva, entretanto, pode jogar outras hipóteses na discussão. Na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, o jovem Pedro Henrique Santos furtou um ônibus e desembestou por 23 quilômetros. Só parou depois de ter batido em 18 carros. Estava bêbado e drogado, provavelmente, mas o que chama a atenção é a roupa que ele estava usando. O rapaz, que era estudante de direito, usava uma roupa de policial do Bope. Tinha saído de uma festa à fantasia; ao ser preso, chegou a dizer que era protegido da presidente Dilma Rousseff.

Fantasia é bem o termo. Com droga ou sem droga, está em jogo uma fantasia de poder. Nos Estados Unidos, o psicopata usa rifles para encenar algum tipo de vingança à moda de Rambo ou do faroeste.

Aqui, onde não é tão fácil comprar armas de grosso calibre, o carrão tipo tanque de guerra ou, na falta dele, um ônibus comum, dão conta do recado. O sujeito já fica sentado a uma altura muito superior à média. Assim como o atirador prefere mirar do alto de uma torre ou de uma colina, o matador motorizado enxerga seus semelhantes de

cima para baixo. O mero pedestre talvez não baste. Com o aumento do poder aquisitivo da classe baixa, o carro popular pode se tornar, também, uma vítima apetecível.

Quem sabe, tudo não é fruto da prosperidade econômica? Por volta de 1950, os americanos pisavam fundo no acelerador e a ligação entre carro, bebedeira e morte estava no auge. O pintor Jackson Pollock morreu disso, em 1956, matando também uma moça que pegava carona com ele. Talvez mais impressionante, anos antes, tenha sido o caso do poeta Robert Lowell, que dirigia bêbado ao lado da escritora Jean Stafford, por quem estava apaixonado. Já tinha ameaçado matá-la e suicidar-se caso ela não consentisse com o casamento.

Ela tentou resistir; ele arremeteu o carro contra um muro. O acidente desfigurou o rosto da moça. Casaram-se depois disso, amargando dez anos de infelicidade mútua, sem sexo. Não é regra geral, claro. Mas dá o que pensar tanta confiança na potência do motor.

coelhofsp@uol.com.br - Folha de São Paulo, setembro de 2011.

Meus pais são bipolares (CONTARDO CALLIGARIS)

O TERMO "bipolar" se tornou corriqueiro na boca dos adolescentes. Não é que eles cite diagnósticos psiquiátricos, no estilo "sabe, minha mãe toma remédio porque os médicos dizem que ela é bipolar". Nada disso; para eles, o termo é a descrição genérica de um estado de espírito dominado por altos e baixos radicais. Além disso, muitos adolescentes acham que, hoje, ser bipolar é a regra.

Não acho ruim que termos clínicos se vulgarizem e entrem na linguagem comum. Só me preocupa o fato de que, às vezes, psiquiatras e psicólogos adotam essa vulgarização, confundindo a tristeza banal com o transtorno depressivo ou, então, variações do humor banais com o transtorno bipolar. Com isso, claro, a indústria farmacêutica faz a festa, pois vende antidepressivos a pessoas que estão apenas tristonhas ou morosas e estabilizadores do humor a pessoas que são apenas mais alegres pela manhã do que à noite. Seja como for, talvez os adolescentes tenham razão. Talvez a bipolaridade, além de um transtorno para alguns, seja hoje um traço da personalidade de todos nós. Por quê? Um pequeno desvio para responder.

Existe um grupo de trabalho encarregado de revisar o "Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais", cuja quinta versão ("DSM V") será publicada em 2013. Esse grupo manifesta periodicamente suas decisões e seus pensamentos no site www.dsm5.org. Foi assim que em 2010, se não me engano, soubemos que o "transtorno da personalidade narcisista" sumiria da próxima versão do "Manual". Tanto mais bizarro que, aos olhos de muitos (assim como aos meus), a personalidade narcisista, longe de estar extinta, é a que melhor resume a subjetividade contemporânea. Antes de defini-la, vamos ver quais foram as reações.

As más línguas observaram que sempre somem os transtornos contra os quais a indústria farmacêutica não tem remédios para vender (não existe pílula para transtorno narcisista, enquanto existem várias para bipolaridade e depressão). Outros, considerando que o transtorno da personalidade narcisista coincidiria com o espírito de nossa época, acharam normal que ele não fosse mais considerado como uma patologia. Enfim, muitos psicanalistas (sobretudo alunos de Heinz Kohut e de Otto Kernberg, grandes intérpretes do narcisismo) protestaram, e eis que, numa revisão de 21 de junho passado, o transtorno narcisista reapareceu no "DSM" (<http://migre.me/5JNlu>).

Em síntese, o narcisista não é, como sugere a vulgata do mito de Narciso, alguém apaixonado por si mesmo ou por sua imagem no espelho. Ao contrário, o problema do narcisista é que ele depende totalmente dos outros para se definir e para decidir seu próprio valor: ele se orienta na vida só pela esperança de encontrar a aprovação do mundo. Infelizmente, nunca sabemos por certo o que os outros enxergam em nós. Às vezes, o narcisista se exalta com visões grandiosas de si, ideias infladas do amor e da apreciação dos outros por ele; outras vezes, ao contrário, ele despenca no desamparo, convencido de que ninguém o ama ou aprecia.

Ora, a modernidade é isso: um mundo sem castas fixas, onde cada um pode subir ou descer na vida justamente porque seu lugar no mundo depende da consideração (variável e sempre um pouco enigmática) que os outros têm por ele. Ou seja, a modernidade nos predispõe a um transtorno narcisista permanente e, no coração dessa personalidade narcisista (sina de nosso tempo), há uma oscilação bipolar.

O adolescente tem razão: a bipolaridade talvez seja especialmente manifesta nos pais. Como disse, na sociedade moderna, só somos o que os outros reconhecem que sejamos, e os pais não são uma exceção a essa regra. Nem lei simbólica, nem legado divino, nem provas genéticas bastam para me transformar em pai ou mãe de meus filhos. Hoje, para eu ser pai ou mãe, é preciso que os filhos me reconheçam como tal, ou seja, sem o amor e o respeito de meus filhos, eu não serei nem pai nem mãe.

Consequência: todo pai moderno é condenado à bipolaridade, entre a felicidade de ser genitor e uma consternadora queda do alto dessa nuvem. Se ele tenta educar, corre o risco de não ser mais amado e, portanto, de não ser mais pai. Se desiste de educar para ser amado, corre o risco de não ser mais respeitado -ou seja, novamente, de não ser mais pai. É isso: os pais são bipolares.

ccalligari@uol.com.br - Folha de São Paulo, setembro de 2011.

'Sou um mulato nato no sentido...' (PASQUALE CIPRO NETO)

E NÃO É QUE o pessoal da agência que trabalha para a Caixa Econômica Federal fez Machado de Assis "embranquecer"? Confesso que não tinha visto a peça publicitária, ou seja, fiquei sabendo de tudo de uma vez (da retirada do filme, pela CEF, e do filme em si, disponível no UOL).

A primeira coisa que me veio à mente quando vi a notícia foi a antológica canção "Sugar Cane Fields Forever", do não menos antológico disco "Araçá Azul", de Caetano Veloso (de 1972 -o primeiro pós-Londres). Na canção, registrada como de Caetano Veloso e do poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o genial e revolucionário Sousândrade (1833-1902), Caetano repete à exaustão estes versos: "Sou um mulato nato / No sentido lato / Mulato democrático do litoral".

Em 2008, no dia em que Barack Obama foi indicado candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, Caetano Veloso fez um show, em que entoou os versos que citei de "Sugar Cane" e fez um pronunciamento sobre Obama, sobre as palavras "mulato" e "negro" etc. Nesse pronunciamento, Caetano fez diversas considerações interessantes. Numa delas, cita o cineasta Joel Zito e o que ele diz sobre o uso das palavras "mulato" e "negro" (recomendo ao leitor o vídeo desse show, que está disponível no YouTube).

Bem, o fato é que a questão da peça publicitária da CEF trouxe à tona, mais uma vez, a discussão (às vezes exagerada) sobre questões raciais e sobre o uso de certas palavras. Já li e ouvi gente dizendo que a peça publicitária da CEF é racista etc. Cá entre nós, caro leitor: em sua consciência, alguém acha mesmo que nos dias de hoje alguém "embranqueceria" Machado de Assis na TV por preconceito racial? Nem o mais ardoroso e idiota adepto da Ku Klux Klan teria a "brilhante" ideia de "embranquecer" o grande Machado. Será que o problema não é outro? Será que o problema não se chama pura e simplesmente desinformação? Ou, para quem não gosta de eufemismos, ignorância?

Parece mais um dos típicos casos do grande mal dos dias de hoje: a dura tarefa de transformar informação em conhecimento e/ou a dura tarefa de duvidar, de questionar, de ter coragem de dizer que o rei está nu. Ninguenzinho das trocentas pessoas que viram o filme antes que ele fosse posto no ar desconfiou que... Deus meu! Que falta faz uma criança! (Refiro-me ao conto "A Roupas Nova do Rei", do dinamarquês Hans Christian Andersen.) Convém lembrar que o "Houaiss" dá esta origem da palavra "mulato": "Do espanhol mulato ('macho jovem'), por comparação da geração híbrida do mulato com a do mulo, de mulo ('macho')". Não é difícil entender a resistência de muitos ao emprego desse vocábulo.

Posto (tudo) isso, chego ao ponto, ou melhor, retomo o ponto da última coluna, em que abordei o texto-aula de Tostão (14/9), a partir do qual esbocei uma espécie de planejamento de uma possível aula de língua, texto, literatura. Recebi inúmeras mensagens de profissionais da educação, muitos dos quais disseram que levariam o meu texto para a sala de aula.

Agradeço-lhes pela honra e ofereço-lhes mais uma peça (a coluna de hoje), com a qual ousou sugerir (mais uma vez) que um fato relevante, momentoso vire objeto de discussão e, sobretudo, de intertextualidade. E que a discussão seja sensata, pelo amor de Deus. Já chega da bobajada do politicamente (in)correto. É isso.

inculta@uol.com.br – Folha de São Paulo, setembro de 2011.

A poesia concreta do Rock in Rio (TONY BELLOTTO)

OUTRA NOITE, num evento que reunia músicos que já participaram (ou estavam por participar) do Rock in Rio, cuja quarta edição brasileira começa hoje, alguém na plateia questionou o uso do termo rock para nomear um festival que anuncia em seu rol de atrações artistas como Ivete Sangalo, Shakira, Stevie Wonder e, sei lá, Elton John.

A pergunta mereceu inúmeras respostas, dentre as quais destacou-se a de Leo Jaime, um dos "ex-rockers in Rio" presentes: "Porque se dessem o nome de Pagode in Rio a um festival, seria o maior fracasso". Houve outras, como a minha própria, um tanto professoral e indisfarçavelmente chapa-branca: "Porque o rock moderno, assim como o jazz, assimila um sem-número de influências e referências". Entre ex, atuais e futuros participantes do Rock in Rio, a pergunta gerou controvérsia e respostas corrosivas. Branco Mello defendeu que nem sempre é preciso gostar de tudo e que é compreensível - e até saudável - que um moleque fã de heavy metal sinta engulhos ao saber que terá de aturar Claudia Leitte num festival que oferece Metallica como chamariz.

Andreas Kisser creditou a uma vaga e inofensiva "ansiedade metaleira" o fato de, com todo o respeito, Erasmo Carlos, Lobão e Carlinhos Brown terem sido vaiados impiedosamente em edições anteriores do festival, como se fossem duplas sertanejas ou cantores de ópera, e não genuínos representantes do melhor rock/pop brasileiro. Uma das razões que explicam o sucesso desse empreendimento - porque, afinal, o Rock in Rio é mais do que um festival, uma marca, um franchising, uma grife, uma pirâmide ou um parque de diversões - é justamente a capacidade que têm essas três palavras, Rock in Rio, de significar ao mesmo tempo tantas coisas diferentes, muitas vezes antagônicas, sempre reveladoras.

O primeiro Rock in Rio, em 1985, tirou o Brasil de um limbo em que artistas internacionais em fim de carreira faziam uma rápida escala antes - ou durante - a aposentadoria. Seu maior atrativo desde o começo, quando o Brasil parecia não ter - e não tinha mesmo - a menor estrutura para receber um evento dessa magnitude, foi o transcendente poder do nome Rock in Rio. Ninguém àquela época relacionaria o substantivo rock à cidade do Rio de Janeiro. Se havia um lugar rock'n'roll no Brasil, era São Paulo. O Rio era a terra do Carnaval, do samba, da praia e das mulatas fornidas e inzoneiras (seja lá o que signifiquem esses arcaicos adjetivos).

Ao criar um dos mais belos poemas concretos do Brasil contemporâneo - Rock in Rio -, o empresário Roberto Medina mudou a maneira como enxergávamos - e ouvíamos- a nós mesmos. E, de quebra, forneceu uma resposta àquela esfinge pentelha que insistia em nos inquirir, impiedosa: "Mas afinal, quem são vocês?". "Nós somos isso", responderam as bandas brasileiras.

Mesmo sem cenários e um arsenal de fogos de artifício, elas provaram que o rock brasileiro não quer abafar ninguém, só deseja mostrar que faz barulho também (e segue fazendo-o ininterruptamente desde então, não importa quantos padres cantores, políticos tipo Brizola e bichos escrotos em geral queiram calar-lhe a boca).

TONY BELLOTTO é músico e escritor. **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

Uma grande lição (ROBERTO RODRIGUES)

HÁ POUCOS dias tive a oportunidade de assistir a uma palestra do sr. Nando Parrado, empresário de sucesso do vizinho Uruguai. Parrado é um dos sobreviventes do terrível acidente aéreo ocorrido há 39 anos, quando uma equipe juvenil uruguaia de rúgbi ia jogar em Santiago do Chile e o avião se chocou contra uma montanha nos Andes, dividindo-se em dois. A parte traseira despedaçou-se no acidente e nenhum de seus ocupantes se salvou. A parte da frente, por milagre, deslizou por uma longa ravina inclinada na cordilheira, sem bater em nenhuma pedra ou obstáculo, até parar. Era um "charuto" cortado ao meio, e, quando parou, tinha 29 sobreviventes e alguns mortos.

O palestrante contou que, quando os jovens atletas, com idade média de 18 anos, receberam a informação de que havia algumas vagas no avião, ele correu na frente dos demais e convidou sua mãe e irmã: eram viagem e final de semana gratuitos em Santiago, e Parrado ficou entusiasmado quando ambas, alegremente, aceitaram o convite. As duas morreram no acidente. Ele tratou do tema com profunda dignidade, sem o menor sensacionalismo. Foi desfiando suas ideias, suas perguntas, suas perplexidades e suas crenças.

Assim que o avião parou na ravina, na escura noite andina, em meados de outubro, os jovens tomaram a primeira e fundamental decisão: tapar o buraco traseiro do "charuto" que restava do avião, para reduzir o frio e, com isso, sobreviver. Foi a grande iniciativa que lhes permitiu ficar ali dois meses inteiros, esperando o momento de buscar algum tipo de socorro. Souberam - ouviram no rádio - que depois de dez dias as buscas foram suspensas, porque se considerava impossível que houvesse algum sobrevivente após esse período. Sabiam também que tinham de esperar o melhor período - o verão - para tentar caminhar na neve até encontrar algum socorro. Não tinham roupas para isso - afinal, eram jovens que iam jogar rúgbi e voltar -, e suas chances eram mínimas. Sofreram todo tipo de percalço, inclusive uma avalanche que cobriu o avião e matou mais alguns deles, deixando os 16 restantes ainda mais desamparados.

Em nenhum momento Parrado tratou do conhecido tema da necessidade de se alimentarem dos mortos, fato que, à época, teve grande repercussão. Não, nada disso. Apenas narrou a saga inacreditável: após os dois meses de louca prisão na fuselagem, ele e mais dois amigos saíram em busca de socorro, sabendo do improvável êxito de sua tentativa. Um deles voltou ao final do segundo dia, mas ele e o outro continuaram. Por dez dias, dormindo duas horas por dia para não congelarem, seguiram adiante, até encontrar socorro. Da fantástica história, algumas conclusões:

1) O amor é o grande motor das ações humanas. Parrado queria voltar por amor ao pai, que supunha desesperado pela perda de toda a família. O amor ao seu pai fê-lo seguir adiante, superando todas as brutais dificuldades. "Hoje, amo minha família, meus amigos e meus cães. O resto é secundário". Amor, amor, amor acima de tudo.

2) Nada acontece depois que a gente morre: tudo continua, igualzinho, para os que ficam. Os bancos continuaram funcionando normalmente, bem como as lojas e tudo o mais: nada mudara, embora ele estivesse hipoteticamente morto.

3) Quando uma decisão tem de ser entre a vida e a morte, prevalecerá sempre a primeira, e com rapidez, sem maiores considerações.

4) A maior riqueza é o tempo que uma pessoa consegue dar a si mesma. O tempo para viver com alegria, para curtir seus amores, para ser gente, e não escravo do relógio ou dos preconceitos.

5) Para que perguntar, por exemplo, por que convidara a mãe e a irmã? Não adianta nada... Como diz ele: "sorte; destino?" Parece tudo tão claro, tão óbvio!

Mas como é difícil. É tão evidente que o amor é a maior alavanca do mundo, e a liberdade (o tempo) é o

maior bem, mas o homem vive desdenhando o amor e consumindo o tempo, envolto em vaidades vãs e em ambições inúteis.

ROBERTO RODRIGUES, 69, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Depto. de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura (governo Lula). Escreve aos sábados, a cada 14 dias, nesta coluna. rr.ceres@uol.com.br - **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

Aos estudantes de medicina (DRAUZIO VARELLA)

NA COLUNA DE HOJE vou resumir as lições mais importantes que aprendi em 40 anos de atividade clínica. Na verdade, a ideia de reuni-las surgiu semanas atrás, quando o diretor Wolf Maya me convidou para fazer uma pequena palestra para atrizes e atores que interpretavam papéis de estudantes de medicina numa cena da novela das nove.

"Haverá uma classe com alunos e nenhuma dramaturgia, diga o que quiser", propôs ele. Hesitei diante do convite inusitado, mas no fim achei que seria uma boa oportunidade para dizer aos alunos: 1) Tenham sempre em mente que encontrarão mais dificuldade para receber os cuidados de vocês, justamente as pessoas que mais necessitarão deles. O médico deve lutar por condições dignas de trabalho e por remuneração condizente com as exigências do exercício profissional, mas sem esquecer de cobrar da sociedade o acesso universal dos brasileiros ao sistema de saúde.

2) É fundamental ouvir as queixas dos doentes. Sem escutá-las com atenção, como descobrir o mal que os aflige? Embora as características do atendimento em ambulatórios, hospitais e unidades de saúde criem restrições de tempo, cabe a nós exigir para cada consulta a duração mínima que nos permita recolher as informações imprescindíveis. Com a prática vocês verão que ficará mais fácil, porque aprenderão a orientar o interrogatório, especialmente no caso de pessoas prolixas e pouco objetivas. O desconhecimento da história e da evolução da enfermidade é causa de erros graves.

3) Medicina se faz com as mãos. Os exames laboratoriais e as imagens radiológicas ajudam bastante, mas não substituem o exame físico. Esse ensinamento dos tempos de Hipócrates deve ser repetido à exaustão, porque a tendência do ensino nas faculdades tem sido a ênfase nos exames subsidiários em prejuízo da palpação, da ausculta e da observação atenta aos sinais que o corpo emite. Como consequência, cada vez são mais frequentes as queixas de que o médico pediu e analisou os exames e preencheu a prescrição sem chegar perto do doente. Não culpem a falta de tempo nem tenham preguiça, em cinco minutos é possível fazer um exame físico razoável. tocar o corpo do outro faz parte dos fundamentos de nossa profissão.

4) Procurem colocar-se na pele da pessoa enferma. Quanto mais empatia houver, mais fácil será compreender suas angústias, seus desejos e seu modo de encarar a vida. Não cabe ao médico fazer julgamentos morais, impor soluções nem decidir por ela, mas orientá-la para encontrar o caminho que mais atenda suas necessidades.

5) Medicina é profissão para quem gosta muito. Exige do estudante bem mais do que as outras: seis anos de graduação, dos quais os dois últimos são dedicados ao internato, que não por acaso recebeu esse nome. Depois vem a residência, com três, quatro e até cinco anos de duração. O dia inteiro nos hospitais públicos, os plantões de 24 horas, as jornadas intermináveis.

É a única profissão que obriga o trabalhador a cumprir horários que a abolição da escravatura eliminou. Por exemplo, trabalhar o dia inteiro, entrar no plantão noturno e emendar o expediente do dia seguinte; trinta e seis horas sem dormir. Existe outra categoria de profissionais em que essa prática desumana faça parte da rotina? Se o exercício da medicina já é árduo para os apaixonados por ela, é possível que se torne insuportável para os demais. Se vocês escolheram segui-la apenas em busca de reconhecimento social ou recompensa financeira, estão no caminho errado, existem opções menos sacrificadoras e bem mais vantajosas.

6) Medicina é para quem pretende estudar a vida inteira. É para gente curiosa que tem fascínio pelo funcionamento do corpo humano e quer aprender como ele reage às diversas circunstâncias que se apresentam. O médico que não estuda é mais do que irresponsável, coloca em risco a vida alheia.

7) Finalmente, para que foi criada a medicina? Qual a função desse ofício que resiste à passagem dos séculos? Embora a arte de curar encante os jovens e encha de prazer os mais experientes, não é esse o papel mais importante do médico. É interminável a lista de doenças que não sabemos curar. A finalidade primordial de nossa profissão é aliviar o sofrimento humano.

Folha de São Paulo, setembro de 2011.

Uma nova concepção para ensinar exatas (PAULO BLIKSTEIN)

NOS EUA, dos 3,7 milhões que entraram na primeira série em 1984, só 20% declararam interesse em carreiras em ciências exatas na sétima série, e 4,5% se formaram nessa área. Agora, o governo americano percebeu o óbvio e tenta remediá-lo: a escola afasta os jovens das carreiras científicas. O ensino de ciências exatas nos EUA,

como no Brasil, é uma longa preparação para a graduação nessas áreas, ignorando que só 5% vão cursá-las. Fazemos dele uma aborrecida sequência de tópicos sem utilidade ou função cognitiva.

Os alunos nunca fazem ciência ou engenharia de verdade, nunca se aventuram em descobrir algo novo ou resolver um problema real; aprendem só o "básico", que, em grande parte, ignora os avanços científicos dos últimos 50 anos. O resultado é que 80% não se identificam com as ciências exatas já na sétima série - época em que se forma a identidade intelectual da criança.

Um novo tipo de currículo ao mesmo tempo beneficiaria os que não serão engenheiros, já que terão uma experiência positiva com as exatas e não serão adultos com medo de matemática, e aumentaria o número de crianças interessadas em carreiras nos campos da ciência e da engenharia. O erro é achar que a ciência e a matemática são pré-requisitos para a invenção; na verdade, histórica e cognitivamente, essas disciplinas são simultâneas à invenção. A história da ciência mostra que ela não avança no vácuo, mas sim para resolver problemas reais. É esse o motor cognitivo e motivacional que move o inventor, o cientista e, é claro, o aluno.

Além disso, mesmo um "mau" aluno em matemática pode ser um ótimo engenheiro. A engenharia está cada vez mais próxima do design e mais longe do modelo calculista. Os computadores fazem a "matemática" da engenharia, deixando para o profissional o trabalho criativo. Os currículos mais avançados do mundo estão substituindo habilidades aritméticas e memorização por modelagem matemática e resolução de problemas complexos.

Nossas escolas têm quadras para as aulas de educação física e bibliotecas para estimular a leitura, mas não instituímos um lugar para ensinar invenção, tecnologia e criatividade. É preciso um espaço apropriado para tanto. Em Stanford, criei o projeto FabLab@School: são laboratórios de invenção nas escolas, espaços permanentes, com professores especialmente treinados e materiais didáticos especializados.

Esses laboratórios contam com equipamentos de última geração, com a ajuda dos quais alunos criam projetos de engenharia e teorias científicas, colaborando com colegas espalhados pelo planeta. São lugares projetados para atrair todos os alunos, não exclusivamente os que já nutrem um pendor pelas ciências exatas.

O que escolhemos ensinar nas escolas é só uma parte do conhecimento existente. Teoricamente, ensina-se o que a sociedade acha mais importante, mas o que de fato sobrevive no currículo é o que é fácil de ser medido com provas e o que funciona com aula expositiva. As vítimas são a ciência e a tecnologia, que só são devidamente aprendidas quando os alunos trabalham em projetos, fora da aula tradicional.

Se não percebermos que o que precisamos ensinar no século 21 não se encaixa nesse modelo, ficaremos prisioneiros dos conteúdos que são ensináveis dentro dos limites dele - como algoritmos de aritmética hoje tão úteis como saber ler um relógio de sol. Sem um lugar e alguns cursos especiais para a invenção e a criatividade, não se desenvolve o entusiasmo pela engenharia. E sem ele, há pouca esperança de que tenhamos mais engenheiros no século 21.

PAULO BLIKSTEIN é professor na Universidade Stanford. **Folha de São Paulo, setembro de 2011.**

Lucas Rocha